

**POESIA COMO UM GÊNERO EXPRESSIVO  
PARA O DESEMPENHO DA LEITURA  
NUM CONTEXTO EDUCACIONAL**

*Maria dos Remédios Andrade Ribeiro Barros (UEMS)*

[mhriapm@hotmail.com](mailto:mhriapm@hotmail.com)

**RESUMO**

A poesia consegue exprimir os mais raros sentimentos que homem pode exalar, é um gênero que por sua natureza faz parte da vida dos seres pensantes e no Brasil ganhou várias performances de trabalho. Tem uma estrutura que a segue e seus temas são diversos, é um gênero literário escrito, mas não perde a oralidade na sua essência, pode ser rimado ou não, como os cordéis, tem origem popular ou das classes mais abastadas. É importante ressaltar que o ensino voltado para o pleno desempenho da leitura, com o uso de um gênero discursivo como a poesia, fica mais dinâmico no contexto educacional, não considerando apenas a estrutura da língua (seus aspectos formais), mas também os processos de interação social que se realizam por meio das produções de linguagem, nas diversas esferas de atuação social. Conforme proposto por Marcuschi (2008), ao definir os gêneros discursivos, afirma que não há possibilidade de comunicação verbal utilizando a língua que não seja através de gêneros discursivos que se materializam linguisticamente em textos. A partir disso, esse estudo faz um apanhado histórico da educação brasileira com o modelo Jesuítico, passando pela Leitura escolarizada, a Literatura no papel educacional, até chegar na formação de Leitores e o papel do professor.

**Palavras-chave:**

Literatura. Leitura. Poesia.

**ABSTRACT**

Poetry manages to express the rarest feelings that man can exhale, it is a genre that by its nature is part of the lives of thinking beings and in Brazil it has won several work performances. It has a structure that follows it and its themes are diverse, it is a written literary genre, but it does not lose the orality in its essence, it can be rhymed or not, like the strings, it has popular origins or from the wealthier classes. It is important to emphasize that teaching aimed at the full performance of reading, with the use of a discursive genre such as poetry, becomes more dynamic in the educational context, not only considering the structure of the language (its formal aspects), but also the processes of social interaction that take place through language productions, in the various spheres of social action. As proposed by Marcuschi (2008), when defining discursive genres, he states that there is no possibility of verbal communication using language other than through discursive genres that materialize linguistically in texts. From this, this study makes a historical overview of Brazilian education with the Jesuit model, going through schooled Reading, Literature in the educational role, until arriving at the formation of Readers and the role of the teacher.

**Keywords:**

Literature. Poetry. Reading.

## 1. Introdução

A poesia é uma das formas que o poeta tem de exprimir a arte dentro de um contexto filosófico, envolvendo-se com o leitor, do qual vivencia a arte produzida através de um conjunto de palavras, do poeta, que busca a interação com o meio e com a arte que emana a cada jogo de ideias. Mas a poesia além de ser arte e cultura, é também, uma forma de se vivenciar e aprender ainda mais sobre a língua num contexto educacional.

Sorrenti (2009) afirma: “Ler um poema é buscar sentidos, o que equivale a dizer que cada leitura comporta a possibilidade de participação nos textos do outro, pelo duplo jogo de receber e refazer o texto.”.

A autora mostra que há um grande poder criativo e inovador do poema, em formar sentidos de acordo com as mais variadas possibilidades de se interpretar um contexto, dialogando com o poeta, o leitor irá fazer uma grande viagem na literatura, pois a literatura tem o poder de criar, recriar o mundo ao seu redor.

No Brasil colonial, ainda foi marcante o modelo agroexportador, do qual enviava a metrópole grande parte da matéria prima, fato este que perdurou durante muito tempo. A educação brasileira sofreu grande influência da Corte Portuguesa que enviou os Padres Jesuítas com a missão de catequizar e educar os habitantes que aqui viviam, mas em especial os povos indígenas.

Magnani (2011) faz menção ao modelo jesuíta:

Com a chegada dos padres jesuítas, em 1549, inicia-se um tipo de educação baseada nas “escolas de ler e escrever”, com finalidades de catequese e instrução. Em 1599, é publicado o *Ratio Studiorum* (organização e plano de estudos da Companhia de Jesus), e por essa época já se mostrava falido o plano inicial preocupado principalmente com os indígenas. A educação jesuíta acaba se destinando aos filhos dos colonizadores, de senhores de engenho, enfim, aos meninos pertencentes as famílias privilegiadas. Era o único meio de instrução e formação intelectual, e para ele se dirigiam mesmo os que mostravam vocação sacerdotal. Além do que, ser letrado conferia elevada posição social. (MAGNANI, 2011, p. 13)

A autora afirma que a educação dada aos povos indígenas pelos Padres Jesuítas ficou em segundo plano por vários fatores, dando lugar as classes e famílias mais privilegiadas daquela época, como os filhos dos colonizadores. Ainda segundo Magnani a escola humanística do tipo clássico marcou as origens do ensino no Brasil.

Essa educação colonial jesuíta desenvolveu no início uma

herança cultural marcada por tendência literária e retórica. Esse modelo educacional que os Jesuítas implantaram, trouxe no seu bojo a literatura clássica e tendências cheias de retóricas que com o tempo foram sofrendo mudanças.

A realidade educacional atualmente, mostra números insatisfatórios no quesito habilidades que envolvam a leitura e produção textual, das quais são habilidades imprescindíveis para desenvolvimento de todas as disciplinas escolares. A grande maioria dos educandos sabem decodificar a escrita, porém não conseguem entender seu uso num contexto, pois falta a compreensão e prejudicando assim, o pleno desenvolvimento da língua, ficando muitas vezes num nível insatisfatório de sua faixa etária educacional.

Nesse entendimento Micotti (2009) considera que se evidencia o chamado “semianalfabetismo” ou “analfabeto escolarizado”, em que o educando aprendeu a ler, mas não sabe o contexto, não consegue se articular com a escrita, permanecendo marginalizado na escola.

A escola agindo dessa forma ganha mais uma responsabilidade a ser sanada, que é de integração do educando marginalizado, em que terá que trazê-lo para o mundo do letramento literário, para isso precisará de um planejamento e promoção de ações que desenvolvam as competências e habilidades de leitura e escrita.

Desenvolver as habilidades que envolvam o pleno desenvolvimento da escrita e produção textual é muitas vezes um sonho que muitos professores que trabalham diariamente com a língua, porém, muitos deles acham que jamais irão conseguir o pleno êxito dessa difícil tarefa.

Conforme Magnani (2011):

A falta do hábito e gosto pela leitura, por parte de crianças e jovens, era um desses temas e relacionava-se diretamente com as denúncias dos problemas educacionais, tendo passado a motivar um considerável conjunto de iniciativas, em nível governamental, editorial e acadêmico, tais como: projetos de iniciativa à leitura, expansão do mercado editorial de livros didáticos, paradidáticos e de literatura infantojuvenil, associações de leitura e desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. (MAGNANI, 2011, p. xiv)

A autora ressalta que houve mudanças políticas importantes e que ressignificaram profundamente a educação, das quais foram movidas pelas problemáticas educacionais que envolviam a falta do hábito de ler por parte de crianças e adolescentes no ambiente educacional, surgindo posteriormente, novas formas de se trabalhar a língua através de projetos que

envolviam a leitura.

Esse processo de reformulação das práticas que envolviam a leitura no ambiente educacional, oriundas de pesquisas acadêmicas ao longo de anos de estudos, trouxeram como consequência positiva uma expansão e crescimento do mercado editorial de livros, pois a leitura começou a se expandir de forma mais atrativa e dinâmica e precisava de um mercado que suprisse tais demandas.

No Brasil a produção acadêmico-científica sobre gênero ganhou impulso somente a partir de meados de 1980 com a expansão dos cursos de pós-graduação. Magnani (2011) faz um apanhado das significativas mudanças dentro do contexto literário, vejamos:

[...] do ponto de vista dos estudos literários, enfatizava-se a necessidade de pressupostos e procedimentos de investigação buscados à história, teoria e crítica literárias – marcadas sobretudo pela tendência estruturalista e histórico-sociológica – que propiciassem discussão da esteticidade dos textos do gênero como fator de superação das marcas pedagogizantes características desses textos e advindas de sua relação original com a educação e a escola. (MAGNANI, 2011, p. xiv)

A autora ressalta que partir de 1980 houve mudanças no contexto literário que trouxeram para literatura tendências com base no estruturalismo, buscando a história como base investigativa.

Há um estigma que somente os professores de Língua Portuguesa podem e devem trabalhar com os gêneros discursivos, ficando as demais disciplinas a parte dessa obrigação, porém todas as disciplinas estão interligadas pelo uso da língua e precisam interagir. Um gênero discursivo faz parte do ambiente educacional, logo se vê que há uma necessidade de ser trabalhado e aperfeiçoado por todos que fazem parte do contexto educacional.

Bakhtin (2016) reafirma os campos da atividade humana que envolve o uso dos gêneros discursivos:

Todos os campos da atividade humana estão interligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto aos campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetuou-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2016, p. 11)

Os estudos de Bakhtin mostram que a linguagem é inerente ao ser humano, pois assim o homem consegue exprimir de diferentes formas a

comunicação e o desenvolvimento da língua em uso, chamando de enunciados as variadas formas de emprego da língua, ou seja, os gêneros discursivos são determinados pela esfera discursiva e estão presentes em toda atividade comunicativa humana.

Sorrenti (2009) afirma:

A poesia pode estabelecer uma ponte entre a criança e o mundo. Ela também constitui uma maneira de ensinar e dominar certos ritmos fundamentais do ser, como o respirar. Pela expressão da fala, a criança se apropria de suas possibilidades, adquirindo o domínio de sua palavra. (SORRENTI, 2009, p. 19)

A autora demonstra que se vivenciar o gênero poesia é uma forma de se encarar o mundo, trabalhando o ritmo de vida que muitas vezes é atribulado e que deixa passar os detalhes importantes, como por exemplo, o uso da palavra que pode possibilitar muitas transformações.

A poesia é um gênero discursivo bastante atraente para ser trabalhado na escola, pois traz a história, os costumes dos povos através dos tempos, traz arte com suas performances, traz o ritmo que é a produção artística do homem.

## **2. *Linguagem oral no espaço escolar***

As práticas pedagógicas que utilizam os gêneros orais na escola estão cada vez mais significativas na aprendizagem mais dinâmica da língua, sendo esse tema objeto de pesquisa na área da linguagem.

Nos estudos de Anna Christina Bentes sobre linguagem oral no espaço escolar, a autora faz questionamentos sobre o papel do professor de Língua Portuguesa:

a) quais princípios teóricos-metodológicos devem ser assumidos, ao se trabalhar a oralidade na sala de aula de Língua Portuguesa, de forma a se apresentar, perceber e discutir as relações de constituição conjunta entre a fala/oralidade e escrita/letramento.

b) quais práticas e/ou gêneros orais devem ser trabalhados em sala de aula de língua materna e/ou na escola, de forma a se evitar o estabelecimento de um “conflito de interesses” entre o trabalho com o “oral” e o trabalho com a “escrita” na escola. (MEC, 2010, p. 130)

A autora faz alguns questionamentos dos quais são importantes para escolha dos teóricos, da metodologia mais adequada e quais as melhores práticas a serem utilizadas de acordo com a turma de alunos, sendo

isso necessário para se ter um melhor rendimento escolar.

Entre as diversas expressões populares que mais interesse oferece, a poesia ganha lugar de destaque, principalmente a poesia popular que usa da oralidade como força maior de expressividade.

Luyten (1986), “as manifestações populares vão dar-se, em sua grande maioria, de forma oral.” Luyten confirma o que a história já mostra ao longo dos anos, que é natural o homem utilizar a oralidade para se comunicar e as manifestações de cunho artístico-literário não seriam diferentes, pois demonstram espontaneidade comunicativa, fator predominante da oralidade.

Sousa e Seba (2011) e poesia oral:

A circulação da poesia oral é um fenômeno comum a todas as culturas. Mesmo as culturas letradas, como a nossa, não deixam morrer, ou se apagar da memória as parlendas, as canções, os brincos, as quadras, os dísticos e os trava-línguas. Todo esse repertório se fixa em nossas mentes pela musicalidade, pelo caráter brincalhão, e, sobretudo, por nos suspender um pouco de trabalho duro, das dificuldades do cotidiano e nos colocar num regime de sonho ou de contenda, do modo mais gratuito possível. (SOUSA; SEBA, 2011, p. 49)

Os autores relatam que a poesia oral é um costume dos povos, sendo uma forma de levar cultura e conservar a história através da memória, fixando-se através da musicalidade, do caráter animado, descontraído e cheio de espontaneidade.

Marcuschi (2008) explica que a oralidade, seria uma prática social-com fins comunicativos, da qual se mostra sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora. A oralidade ao ser desenvolvida no ambiente escolar seria a prática comunicativa que se materializa através dos mais diversos gêneros textuais, tornando-se mais viva a cada leitura em sala de aula, na medida que vai se aperfeiçoando ganhando mais espaço.

### **3. A poesia na sala de aula**

A linguagem faz parte da unidade comunicativa do homem e no decorrer da história, foi se aperfeiçoando e buscando diferentes formas de interação, tendo como objetivo maior a comunicação.

Os operadores da educação estão constantemente interagindo e buscando formas de obter êxito na arte de educar e repassar o devido e

apreciado conhecimento, logo se vê que para haver transformação na relação ensino-aprendizagem, é necessário o redimensionamento na forma de se trabalhar com a linguagem.

Há um grande enfoque para a utilização do texto na aprendizagem da língua. Brandão (2011) relata a importância de se trabalhar o texto por diferentes gêneros do discurso, vejamos:

Uma abordagem que privilegie a interação não pode estudar o texto de forma indiferente, em que, qualquer que seja o texto, vale o mesmo modo de aproximação. Uma abordagem que privilegie a interação deve reconhecer tipos diferentes de textos, com diferentes formas de textualização, visando a diferentes situações de interlocução. O reconhecimento disso tem levado os estudiosos da linguagem à busca dos diferentes gêneros do discurso. (BRANDÃO, 2011, p. 17 e 18)

A autora mostra a importância de se trabalhar diferentes textos, diferentes formas de textualização, em que nesse estudo privilegie a melhor interação e proximidade, dialogando e reconhecendo os diversos gêneros do discurso.

A poesia e os textos narrativos são alvo dos professores de língua portuguesa na aprendizagem e interação com as diferentes formas de linguagem, porém ainda há um impasse de muitos professores em relutarem na sua utilização, por acharem um gênero muito complexo e de difícil proximidade até mesmo com os próprios docentes.

É necessário conhecer as potencialidades que a aprendizagem com o uso da poesia no ambiente educacional pode proporcionar. As primeiras cartilhas e livros de leitura que continham esse gênero discursivo, foram trazidos para o Brasil pelos colonizadores portugueses.

Sorrenti (2009) ressalta a importância do poeta português João de Deus de Nogueira Ramos, nascido em 08 de março de 1830. Suas obras chegaram ao Brasil e foram bastante difundidas como a Cartilha Maternal (1877), da qual foi utilizada em programas de ensino das primeiras letras.

Sorrenti relata que a Educação brasileira sofreu a influência da cultura portuguesa e de seus representantes como o poeta português João de Deus, que teve suas obras utilizadas na educação infantil.

O poeta Olavo Bilac fez referências ao público infantil ao compor Poesias Infantis. Nessa obra conforme Sorrenti (2009), Bilac volta-se para o caráter pedagógico-moralista de seus poemas, ficando de lado o lúdico, a fantasia, características marcantes desse tipo de gênero, buscando assim, sempre ensinar uma lição, das quais permearam a literatura escolar da

época e influenciaram seus admiradores que também propagaram esse tipo de literatura.

Buscar o gosto e a prática de leitura deve ser algo já influenciado ainda na fase infantil, pois a criança tem maior capacidade criativa, além de ter necessidade viajar pelo mundo da literatura com seus inúmeros encantos. Cabe então a tarefa de proporcionar o conhecer literário tanto em casa como na escola, sendo a escola o ambiente muito favorável ao compartilhamento de ideias entre seus pares.

Sorrenti (2009) ressalta a escola e seu papel no incentivo à leitura: “Caberia, pois, à escola criar situações para incentivar a criatividade, a intuição e o ludismo do aluno, de modo a despertar-lhe a sensibilidade poética, como queria Drummond.” (SORRENTI, 2009, p. 19).

A leitura na escola pode ser vivenciada através da poesia, assim como outros gêneros discursivos, pode impulsionar e incentivar a criatividade, mas somente a poesia ao ser acolhida e instigada, desenvolve em seus leitores a sensibilidade poética, característica marcante de quem vira leitor e consegue decifrar o jogo das ideias que as palavras transmitem na textualidade.

O desenvolvimento da leitura da poesia, conforme Sorrenti (2009):

O desenvolvimento desse gosto não está acoplado à pura memorização ou ao estudo de regras de metrificção. O conhecimento da terminologia técnica, como rima, ritmo, censuras, redondilhas, etc., será perfeitamente dispensável nas primeiras séries escolares, sendo mais importante o próprio exercício de dizer e ouvir poemas e de participar com o poeta na identificação do seu material poético. (SORRENTI, 2009, p. 19)

A autora relata que o professor ao ensinar o que é poesia em sala de aula, não deve fixar somente no caráter estrutural da poesia, mas principalmente no conhecimento interpretativo que a poesia traz em quem ler, para isso será preciso desenvolver o hábito e o gosto pela leitura, fazendo que seu aluno aprenda a interpretar o jogo de ideias que a poesia transmite.

Nesse artigo é apresentado uma sequência didática baseada na obra *A Poesia vai à escola*”, de Neusa Sorrenti (2009). Essa sequência é algo em constante construção, portanto, poderá ser modificada e sua reconstrução levará em conta as realidades de cada escola e público alvo. Conforme segue:

1. Apresentar à turma poemas de que eles tenham afinidade e realmente gostem;

2. Treinar em turma de alunos a leitura do poema individual e em grupos com a expressão que ele desperta: lirismo, humor, alegria, melancolia, tristeza, dor, indignação...
3. Leitura oral e depois silenciosa de vários poemas e pedir aos jovens que façam uma recriação, podendo também pedir que o aluno transforme em poema cantado através da musicalidade;
4. Fazer com que os alunos comparem poemas que tenham assuntos semelhantes e comparem textos poéticos em prosa e em versos;
5. Musicalizar poemas e estudar em classe canções da música popular brasileira, músicas infantis, músicas clássicas;
6. Conhecer e procurar ver as significações escondidas no poema, os “não ditos”, as ambiguidades;
7. Analisar a importância da disposição gráfica do poema, estudando também a gramaticidade e a linguística textual;
8. Transformar textos em prosa poética em poemas;
9. Propor a leitura dos clássicos e de poetas de cordel; Drummond, Bandeira, João Cabral, Cecília, Quintana, Adriano Suassuna, Leandro Gomes de Barros, por exemplo, pedindo que a turma selecione alguns poemas de que gostaram muito;
10. Promover saraus poéticos semanais ou mensais;
11. Sugerir a reescrita de poemas utilizando a paráfrase;
12. Valorizar nos textos produzidos pelos alunos seus achados poéticos, ou seja, as imagens bonitas e originais que empregaram;
13. Sugerir que o jovem produza textos sobre o cotidiano (vida escolar, vida familiar e social, sentimentos e expectativa), podendo caso queira fazer uso de desenhos;
14. Selecionar poemas para adolescência ou crianças em livros publicados para as crianças e para adultos, fazendo-o com a participação dos alunos e, em seguida, elaborar uma bela antologia com textos selecionados.
15. Sugerir que se faça desenhos e pinturas que representem àquela poesia em estudo. (SORRENTI, 2009)

O papel do professor será bem diversificado e determinante, pois será ele através de ações diárias, semanais ou mensais que impulsionará novas descobertas pelo aluno, poderá trabalhar a poesia em diferentes idades escolares, havendo várias maneiras de acolher esse gênero discursivo, portanto nunca será enfadonho e cansativo, pois o professor também aprenderá com seu educando a cada descoberta da arte poética em sala de aula. Sendo mais relevante a interação na sala de aula, a cada atividade vivenciada o aluno irá descobrir a importância da Poesia para se conhecer melhor sua língua.

#### **4. Considerações finais**

A Poesia, por tudo que foi demonstrado, merece ser inserida e vivenciada no ambiente escolar, logo, tem um papel de suma importância na formação da subjetividade do aluno, pois trabalha a arte humana em

diferentes performances, que pode desenvolver a criatividade na escrita e na leitura, criando novas situações vividas ou recriando novas histórias.

A Poesia é um dos gêneros discursivos que consegue apaixonar seus leitores, até mesmo os que amam a prosa, pois trabalha os sentimentos na forma mais pura através das palavras. Há uma constante sintonia entre leitor e o poeta que se interligam dando novos sentidos para aquelas palavras escritas.

Crianças, adolescentes, alunos enfim, todos que estão no círculo da educação precisam de um gênero que reflete quem eles são, o que eles representam na sociedade. Desde a Poesia Popular à Poesia Clássica, ambas guardam uma beleza admirável com suas origens e suas características que precisam ser vivenciadas na escola.

O professor tem o papel de ser um direcionador da educação escolar, será ele quem irá auxiliar o educando na formação de leitores críticos e ativos, buscando superar as deficiências existentes. Sendo a Poesia um grande instrumento para se concretizar as sonhadas habilidades que envolve a Leitura e a Escrita. Assim a Escola terá plenificado seu papel formativo que é socializar e democratizar o acesso ao conhecimento, promovendo a construção moral e ética nos estudantes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros dos discurso*. São Paulo: 34 Ltda, 2016.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do Discurso na Escola*. São Paulo. Cortez, 2011.
- LUYTEN, Joseph M. *O que é Literatura Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MAGNANI, Maria Rosário Mortatti. *Leitura, Literatura e Escola*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. *Leitura e Escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- Ministério da Educação. *Explorando o Ensino: Língua Portuguesa*. Brasília. MEC, 2010.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SORRENTI, Neusa. *A Poesia vai à escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira de. FEBA, Berta Lúcia Tagliari. *Leitura Literária na Escola*. São Paulo: Mercado Letras, 2011.